

SUCESSÃO PRESIDENCIAL

Nos bastidores do primeiro debate entre presidenciais, assessores de candidatos preparavam estratégias para atacar os oponentes. Familiares e amigos torciam

Armadilhas por todos os lados

Denise Rothenburg
e Alberto Ramos
Da equipe do **Correio**

“Mordeu a isca”, comemorou o publicitário Nizan Guanaes quando o candidato da Ciro Gomes, do PPS, respondeu a José Serra, do PSDB, no primeiro debate entre os candidatos a presidente da República, promovido domingo pela Rede Bandeirantes. Serra perguntou de onde Ciro tiraria o dinheiro para pagar salário mínimo de US\$ 100 que prometeu para seu eventual governo. Foi a segunda vez que Ciro foi encurralado durante o debate. Respondeu que, com a crise econômica, será difícil atrelar o mínimo ao dólar.

Era tudo o que Serra queria ouvir. Ele e seus assessores haviam preparado essa pergunta como uma armadilha para tentar passar ao eleitor a idéia de que Ciro cita números e faz promessas sem levar em conta o cenário real da economia. A resposta foi o que permitiu a Serra tirar da pasta um cálculo sobre o valor do mínimo nos “116 dias” de Ciro como ministro da Fazenda, em 1994: US\$ 82 — menor que os US\$ 100 que o candidato anunciara.

Nizan e outros assessores de Serra vibraram. “Já valeu. Cum-

primos nossa meta. Colocamos o guizo no gato”, comentou Nizan. O publicitário assistiu o debate na plateia do estúdio, ao lado da promotora de eventos da campanha, Bia Aida. Os dois lideraram a torcida pró-Serra. Na primeira fila, a filha de Ciro, Lívia, sentada ao lado de Patrícia Pillar e da tia Lívia, irmã do candidato do PPS, formavam a linha de frente cirista, separadas de Mônica Serra, a mulher do candidato tucano, e sua filha Verônica pelo diretor da Bandeirantes, Rogério Gallo.

O clima entre Nizan e Patrícia Pillar foi tão tenso quanto o entre Serra e Ciro. Quando Ciro foi acusado de “faltar com a verdade” por Serra, pediu direito de resposta e lhe foi negado. Os assessores de Serra aplaudiram. Patrícia, Lia e Lívia vaiaram. A mulher de Ciro ainda olhou para trás, fazendo caretas para Nizan. “Ele foi atacado!”, disse ela, olhando para o publicitário. Nizan jogou beijinhos para a atriz.

Sem uma torcida tão apaixonada, Anthony Garotinho divertiu as demais. Atacou Serra, dizendo que ele se envergonhava de ser o candidato governista. Cobrou coerência política de Ciro, devido a aliança com o ex-senador Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA) — para desespero da filha de Ciro

que roeu as unhas quando Garotinho atacou seu pai. Tentou ainda, sem sucesso, unir todos os oponentes. “Esse candidato do governo é um brincalhão. O que esse governo está deixando para nós, hein Lula?, Hein, Ciro?”

TORCIDA

O pessoal de Lula foi o mais contido durante o debate. Sua torcida só se manifestou ao final, quando o candidato exibiu os cadernos de programa de governo, desdobrando-se em aplausos, com o apoio inclusive da torcida de Serra. Ao deixar os estúdios da TV Bandeirantes na noite de domingo, a cúpula do PT não escondia seu contentamento. Na avaliação do partido, o resultado foi ótimo. Lula, que lidera as pesquisas com 34,9%, no levantamento do Instituto Sensus divulgado ontem, contabilizou pontos ao não agredir os adversários.

“A estratégia do PT agrega possíveis apoios para o segundo turno. A deles (Ciro e Serra), desagrada”, avaliou o deputado federal Aloizio Mercadante (PT-SP), candidato do PT ao Senado. No raciocínio petista, Lula passou a imagem de maturidade, evitando ataques. Uma postura para facilitar o pedido de voto ao eleitorado de qualquer um dos oponentes em

um possível segundo turno.

Na sala VIP, montada pela TV Bandeirantes ao lado do estúdio, partidários de todas as candidaturas dividiram o mesmo espaço. Assistiram o encontro por meio de um telão. Na primeira fileira, toda composta por membros do PT, a satisfação era evidente. Seus correligionários comemoravam a cada intervenção de Lula. Vicente Paulo da Silva, o Vicentinho, ex-líder metalúrgico e candidato a deputado federal, era um dos mais entusiasmados. Chegou a dar um soco no ar, comemorando uma resposta de Lula sobre a credibilidade do partido diante do mercado. O candidato do PT afirmara que o empresariado investiria no país movido pelo desejo de buscar rentabilidade, mercado interno com poder de compra e infra-estrutura. Todos os pontos citados são objeto de crítica do PT ao atual governo.

Para o PT, nem mesmo a discussão com Garotinho afetou o desempenho de Lula, pois ficou restrita a uma questão política — o apoio de Orestes Quércia (PMDB) a Lula. “Esse é o Lula de sempre. Esse é o Lula que deveria ter aparecido naquele debate com o Collor”, afirmou o publicitário Duda Mendonça, marqueteiro petista, referindo-se à

ELEITOR FHC PERDE FORÇA

Pesquisa CNT-Sensus divulgada ontem mostra que o presidente Fernando Henrique Cardoso possui, atualmente, um baixo poder de transferência de voto para os candidatos que apóia. Em relação à sucessão presidencial, apenas 6,4% dos 2.000 entrevistados pelo instituto afirmam que votariam unicamente no candidato apoiado por FHC. A força do presidente como cabo eleitoral, portanto, caiu quase pela metade em relação a junho, quando 10,4% dos eleitores admitiam votar no seu candidato. 52,6% dos eleitores pesquisados disseram não votar de jeito nenhum no escolhido de FHC

primeira campanha presidencial de Lula.

No dia seguinte ao debate, cada comitê disse que seu candidato foi o melhor. A turma de Ciro comemorou a pesquisa feita em quatro capitais com grupos de eleitores que recebiam três cartões — verdes (aprova), vermelho (desaprova) e amarelo (não entendeu). Eles contam que Ciro só recebeu alguns cartões amarelos no primeiro bloco e depois só foram verdes, enquanto Lula e Serra tiveram cartões verdes, amarelos e vermelhos. A pesquisa do PSDB deu Lula e Serra empatados como vencedores do debate. A de Lula, deu Lula. Na Grande São Paulo, o debate foi visto em média em cerca de 420 mil domicílios.

A CADA INTERVALO DO DEBATE, O PUBLICITÁRIO PETISTA DUDA MENDONÇA (D) APRESENTAVA ESTRATÉGIAS PARA O CANDIDATO: “ESSE É O LULA QUE DEVERIA TER APARECIDO CONTRA COLLOR, EM 1989”

